

UM OUTRO FALADOR: INCA GARCILASO DE LA VEGA*

João Paulo Hernandez Teodoro**

Resumo: O artigo faz uma comparação entre o personagem principal de *El Hablador*, romance publicado por Mario Vargas Llosa em 1987, e a vida e obra de Inca Garcilaso de la Vega, escritor nascido no século XVI no que mais tarde viria a ser o Peru. A tese central do trabalho é a de que há diversas similaridades entre o personagem de Vargas Llosa e Inca Garcilaso de la Vega, uma vez que ambos, por meio da escrita, difundiram no tempo e no espaço uma cultura nativa do Peru que até então somente era transmitida oralmente. O artigo conclui que um e outro são icônicos por simbolizarem a complexidade das relações sociais no Peru e por terem legado à posteridade representações literárias sobre a gênese e a manutenção da cultura peruana.

Palavras-chave: Peru. Literatura. Literatura peruana.

INTRODUÇÃO

■ O peruano Mario Vargas Llosa tem a excepcional habilidade de traduzir a cultura de seu país por captar suas especificidades, conflitos e complexidades. Ao fazê-lo, tornou-se, ele mesmo, um ícone da cultura peruana. Essa abrangência e significância da obra de Vargas Llosa permite estabelecer diálogos entre ela e outras obras e personagens fundamentais da literatura do Peru: neste artigo, realizamos um exercício desse tipo ao comparar o romance *El Hablador*, de Mario Vargas Llosa, à vida e obra de Inca Garcilaso de la Vega, mestiço cusquenho que no século XVII escreveu sobre a história e a cultura do império incaico.

* Este artigo foi produzido no âmbito da disciplina *Temas Contemporâneos da Ibero-América*, oferecida aos alunos de graduação e pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) pelos professores Pedro Dallari e Gerson Damiani, sendo parte da *Cátedra José Bonifácio*. O autor agradece as sugestões dos citados professores e dos revisores de *Todas as Letras*, que fizeram sugestões bibliográficas tão interessantes quanto úteis ao texto.

** Graduate School of Arts and Sciences, Yale University, New Haven, Connecticut, Estados Unidos. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: joao.hernandesteodoro@yale.edu

As obras de Mario Vargas Llosa, nascido em Arequipa em 1936, apresentam aspectos idiossincráticos da cultura de seu país. O escritor, que ainda tem sua pena ativa, transporta o leitor às paisagens peruanas – quer sejam as das grandes cidades, quer sejam as das selvas – transmite a ele os hábitos e preconceitos do país, e sua linguagem o envolve no espanhol peculiar do Peru, distante do falado às margens da foz do Prata por não priorizar o *voseo*, rico no emprego de interjeições, e povoado por reminiscências das linguagens dos povos nativos.

Quando ganhou o prêmio Nobel de literatura em 2010, Vargas Llosa chamou a atenção do mundo à qualidade da literatura peruana e, por extensão, da literatura ibero-americana. Nesse sentido, consideramos que uma das obras que expressam o papel de “tradutor” da cultura peruana desempenhado por Vargas Llosa é o romance *El Hablador*, publicado originalmente em 1987. A personagem principal dessa obra é um membro de um povo da selva peruana que percorre as tribos, geograficamente dispersas, de modo a manter o povo unido e preservar sua identidade.

Assim, para esse povo, a transmissão e a preservação da cultura não se dão por meio da palavra escrita, mas unicamente pela palavra oral. Do mesmo modo, os incas tampouco possuíam uma escrita, apesar da sofisticação da sua cultura (foram hábeis na arquitetura, na tecelagem, na metalurgia, na agricultura, no manejo de recursos hídricos, nas artes plásticas, na astronomia) e de terem construído um império que, no seu auge, se estendeu do que atualmente é a Colômbia ao atual norte da Argentina. Assim, a transmissão da cultura incaica também se deu oralmente; muito do que se conhece hoje sobre esse povo se deve às codificações feitas nas primeiras décadas da conquista da América, muitas delas por espanhóis. Uma dessas codificações foi feita por Inca Garcilaso de la Vega, um mestiço falante do quéchua, o idioma incaico, e herdeiro da cultura oral de seu povo; sua obra de maior envergadura foi *Comentarios reales de los Incas*. Ele é reconhecido como o primeiro nativo das Américas – e a primeira pessoa de ascendência indígena – a ter tido sua obra publicada e amplamente lida na Europa (ANASTASIO, 2006). Assim como a personagem de Vargas Llosa, Inca Garcilaso de la Vega foi um portador de uma cultura nativa do Peru que a transmitiu para a posteridade.

Devido a esses aparentes pontos de contato entre *El Hablador* e a vida e obra de Inca Garcilaso de la Vega, pode-se perguntar: é justificado que Inca Garcilaso de la Vega seja considerado um falador, homólogo à personagem de Vargas Llosa? Há pontos de contato adicionais entre *El Hablador* e *Comentarios reales de los Incas*?

Este artigo se soma a esforços acadêmicos precedentes dedicados a *El Hablador* – como os de Standish (1991), Geddes (1996) e Capoano (2016) – e aos mais abundantes trabalhos dedicados a *Comentarios reales* – entre eles Ortega (2003), Anastasio (2006) e Zanelli (2016) – a fim de responder a essas perguntas. Para tanto, devemos inicialmente analisar *El Hablador*, observando o papel da transmissão oral da cultura para o desenvolvimento de sua narrativa; assim, na próxima seção apresentamos brevemente o enredo de *El Hablador*, nos focando no papel da personagem principal enquanto portadora de certa cultura indígena. Em seguida apresentaremos a vida e a obra de Inca Garcilaso de la Vega, enfatizando sua contribuição para a preservação da cultura incaica, até então transmitida oralmente entre as gerações. Por fim, desenvolveremos nossa interpretação quanto a Garcilaso de la Vega poder ser considerado um “falador da vida real”,

homólogo histórico da personagem fictícia de *El Hablador*. Com essa comparação, argumentaremos que há paralelos adicionais entre *El Hablador* e a vida e obra de Inca Garcilaso de la Vega; e também que a transmissão oral da cultura se mostrou importante para a história do Peru, tanto por estar no cerne de uma das obras de Vargas Llosa quanto por ter permitido que o legado incaico fosse conhecido para além de seu império original e para além de seu tempo.

UM FALADOR FICTÍCIO: O HABLADOR DE VARGAS LLOSA

El Hablador é um romance com construção bastante peculiar: nele se alternam duas vozes, que não se dialogam diretamente; a princípio, o leitor tem a impressão de que tais narradores são tão dispares que a conciliação entre suas histórias será impossível; aos poucos, entretanto, os pontos de contato entre as narrativas vão sutilmente se evidenciando, embora nunca chegue a haver uma intersecção entre elas¹. Nesse sentido, Geddes (1996, p. 376, tradução nossa) interpreta que *El Hablador*:

[...] é um diálogo de contadores de histórias, uma comunidade de histórias, e o leitor é levado para dentro dessa comunidade como parte da audiência. Portanto, o relacionamento entre o contador de histórias e seus ouvintes é replicada no relacionamento entre o texto e o leitor.

O primeiro desses narradores é um limenho, estudante de Letras da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, a mais importante universidade peruana. Ele tem um amigo judeu, Saúl Zuratas, que tem uma característica física bastante distintiva: uma grande e feia mancha escura na face. Zuratas é um estudante de etnologia obcecado por um povo da selva peruana, os *machiguengas*.

As personagens simbolizam dois Perus, por assim dizer: o limenho prioriza um Peru moderno, urbano, católico e ocidental. Para ele, as culturas nativas do Peru são um empecilho arcaico à exploração capitalista dos recursos naturais do interior do país, e as crenças e costumes de tais povos são primitivos e deploráveis. O amigo Zuratas, em outro extremo, é sensível às violências que os povos nativos sofriam em seu tempo e haviam sofrido no passado, tanto com a expansão incaica quanto com a conquista espanhola, e rejeita os valores ocidentais. Os *machiguengas*, em função dessas violências, são nômades e vivem em pequenos grupos espalhados por uma grande extensão geográfica. Sempre que pode, Zuratas viaja à selva para ficar entre os *machiguengas* e, ao longo do enredo, paulatinamente diminui seu interesse pela vida de estudante.

Os personagens perdem contato e, passados 20 anos, o narrador viaja à selva peruana enquanto gravava um programa de televisão. Ele se surpreende ao saber que, entre os *machiguengas*, há uma função social específica: a de falador. O falador percorre as tribos *machiguengas* informando-as sobre os acontecimentos das demais tribos; ao circular entre as tribos, ele não somente transmite conhecimentos, mas também os adquire. Assim, o falador é um depositário da cultura *machiguenga* e é também responsável por difundi-la ao longo do espaço (servindo como um elo entre tribos dispersas) e ao longo do tempo (na medida

¹ Standish (1991, p. 144-145) ressalta que essa estrutura narrativa já havia sido empregada por Vargas Llosa em seu romance *La tía Julia y el escribidor*, de 1977, o que ofereceria ao leitor pistas quanto à interrelação entre as duas narrativas presentes em *El Hablador*.

em que ele transmite tal cultura para a posteridade). A figura do falador, devido a essa importância social, é tida como um tabu para os *machiguengas*, que paradoxalmente evitam falar sobre ele ou permitir que pessoas estranhas à sua cultura com ele dialoguem.

A surpresa do narrador aumenta ao saber que um dos faladores era “albino” e tinha uma grande mancha na face. Isso desperta nele a desconfiança de que o falador poderia ser o amigo Zuratas, com quem havia perdido contato, apesar de suas tentativas em reencontrá-lo.

O segundo narrador é o próprio falador. Embora essa identidade não seja a princípio apresentada, ela vai se revelando ao longo do enredo. O falador conhece as lendas e os costumes *machiguengas* e compartilha seu conhecimento sobre a natureza. Ele também conhece os perigos representados pelos estrangeiros, que agridem e exploram os *machiguengas* sempre que podem; assim, a migração e a dispersão são vistas pelos *machiguengas* como meios de evitar a extinção e a dissipação de sua cultura e de seu lugar no mundo.

Em uma parte de sua perene fala, o falador confirma a hipótese do primeiro narrador: ele era, de fato, Zuratas. O judeu rico de Lima abandonou a capital peruana, abriu mão da cultura ocidental e urbana, e foi viver entre os *machiguengas*, atendendo à que sentia ser sua vocação. A seguir citamos o trecho em que o falador revela sua identidade:

Antes, eu andava com outro povo e acreditava que ele era o meu. Não havia nascido ainda. Nasci de verdade desde que ando como machiguenga. Esse outro povo ficou lá, atrás. Tinha sua história também. [...] Queriam que todos fossem iguais, que os demais se esquecessem de seus costumes, matassem a seus seripigaris [demônios], desobedecessem as proibições e imitassem as suas. Se houvesse feito assim, o povo de Tasurinchi [divindade criadora dos machiguengas] – jeová teria desaparecido. Não haveria sobrado dele nem um falador para contar sua história. Eu não estaria aqui, falando, talvez (LLOSA, 1987, p. 207, tradução nossa).

Desse modo, o falador anuncia sua ascendência judaica e sua familiaridade com essa cultura; posteriormente, ele vai, aos poucos, traduzindo o evangelho aos *machiguengas*, não para tentar convertê-los, mas para assinalar que um outro povo, o judeu, também havia sido forçado a uma diáspora e submetido a provações violentas ao longo da história. Ao fazer isso, o falador confirma outra hipótese de seu amigo, o primeiro narrador: a de que Zuratas se identificava tanto com os *machiguengas* porque tal povo vivia como os judeus tinham vivido até a criação de Israel: fugindo de povos mais fortes, ou com eles convivendo de modo subordinado². Nesse sentido, Capoano (2016, p. 281) interpreta que: “Dialogar, para o protagonista, é diminuir a raiva e a incompreensão. É através da fala que o homem constrói o mundo e ressignifica a si mesmo”.

Assim, *El Hablador* revela várias questões constituintes do Peru: sua diversidade geográfica – sinalizada pela oposição entre a urbana Lima, na orla pacífica, e a tórrida e chuvosa selva –, sua diversidade étnica – marcada pela conquista espanhola, pelas imigrações provenientes de diversas partes do mundo, pela herança incaica e pela sobrevivência de povos nativos – e, sobretudo, a perene

² Na interpretação de Standish (1991, p. 148-150) e Geddes (1996, p. 371), diversas outras histórias contadas pelo falador, bem como situações por ele vivenciadas, remetem também a passagens bíblicas, tanto do velho quanto do novo testamento.

tensão entre a cultura ocidental e a dos povos nativos. Os nômades *machiguengas* tentavam escapar dessa tensão, conforme revela o discurso de seu porta-voz no tempo e no espaço, o falador.

UM FALADOR PRECOCE E REAL: INCA GARCILASO DE LA VEGA

Garcilaso de la Vega y Suárez de Figueroa nasceu em abril de 1539, em Cusco, antiga capital do império incaico; era filho de uma princesa incaica e de um militar espanhol. Deixou a colônia em direção à Espanha em 1560, onde adotou o nome “Inca Garcilaso de la Vega” a partir de 1563 (ORTEGA, 2003; ANASTASIO, 2006). Inca Garcilaso de la Vega nunca mais voltou ao Peru, e com esse codinome ficou posteriormente conhecido por publicar vários livros, dos quais dois se ocupam de acontecimentos históricos. Um deles é *La florida del Inca o Historia del adelantado Hernando de Soto* (originalmente publicado em Lisboa em 1605); o outro, que nos interessa mais diretamente aqui, é *Comentarios reales de los Incas*, obra com 17 volumes publicada, pela primeira vez, entre 1609 e 1613, em Portugal e na Espanha.

Nos *Comentarios reales de los Incas*, Garcilaso de la Vega não somente escreve acerca da cultura incaica, como também aborda diversos aspectos da história dos incas. Há capítulos sobre a fundação de Cusco (bem como sobre os templos e demais construções dessa cidade), o significado dos *quipus*³, a alimentação e a agricultura, o manejo de metais, e as interações com os espanhóis após iniciada a conquista. Também é relatada a expansão do império incaico; sobre isso, nos diz Garcilaso de la Vega (1976, p. 58, tradução nossa):

O inca PáhuacMayta e seus tios, tendo dado fim à sua jornada e deixado os governadores e ministros necessários para instruir os novos vassalos, voltaram a Cusco, onde foram recebidos pelo Inca com muitas festas e grandes favores e graças, as quais convinham a tão grande conquista como a que fizeram, com a qual estendeu o Inca Viracocha seu império até os fins possíveis, porque [...] já não havia o que conquistar, porque por uma parte o limitava o mar, e pela outra as neves e grandes montanhas dos Andes; e ao sul o limitavam os desertos que existem entre o Peru e o reino do Chile.

Uma passagem que exemplifica a relação entre os espanhóis e os nativos é quando Garcilaso de la Vega descreve como as procissões religiosas do *Corpus Christi* eram povoadas tanto por índios (tal como ele próprio os denomina) quanto por espanhóis. Apesar de a celebração ser católica, cada povo vestia seus trajes animistas típicos, representando sua identidade e sua procedência. “E o faziam com grandíssimo contento, como gente já desenganada das vaidades de sua distinção passada” (DE LA VEGA, 1976, p. 145, tradução nossa).

Por um lado, o fato de Garcilaso de la Vega ter parcialmente se baseado na tradição oral incaica tem seu mérito (como ele mesmo frequentemente afirma), uma vez que permite ao seu leitor se familiarizar, ainda que de modo imperfeito e indireto, com o conhecimento e a tradição incaicas. Por outro lado, a perspectiva

3 Os *quipus* foram instrumentos de registro de informações contábeis da administração incaica. Eram feitos de fios de algodão ou de lã de camelídeos, e neles eram feitos nós que expressavam quantidades; as cores dos fios também portavam informações (sobre, por exemplo, a qual povo tributário se referia o *quipu* ou sobre qual era o objeto da contagem). Para mais informações e referências visuais sobre os *quipus*, veja o acervo on-line do Museo Larco, disponível em: <<http://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=20039>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

de Garcilaso de la Vega é criticada por supostamente priorizar a construção de uma narrativa literária à transmissão de uma história acurada:

[...] os eventos que haviam sido relatados a ele [a Garcilaso de la Vega] por seus parentes ou por seus colegas de escola que viviam o período de declínio do império incaico, podem bem ter sido produto da idealização de um passado glorioso. Em todo caso, mesmo que seus comentários não apresentem uma figura confiável da cultura incaica ao longo dos séculos, eles ao menos compõem um valioso documento que descreve como os incas pensavam a si mesmos no século XVI (ANASTASIO, 2006, p. 88, tradução nossa).

No mesmo sentido, vai o fato de Garcilaso de la Vega negar os sacrifícios humanos perpetrados pelos incas, conforme afirma Augusto Cortina na introdução a *Comentarios reales* (1976). Também Ortega (2003, p. 410-414) e Zanelli (2016, p. 427-432) enfatizam o esforço de Garcilaso de la Vega em desafiar interpretações pró-espanholas de seu tempo quanto a determinados conflitos entre a liderança incaica e a elite colonial, tanto a eclesiástica quanto a política. Nesse sentido, Ortega (2003) considera que *Comentarios reales* seria uma resposta de Garcilaso ao trauma decorrente da crescente destruição do legado incaico, bem como de sua marginalização pessoal enquanto mestiço e filho bastardo.

Por fim, Vargas Llosa (2009, tradução nossa) também faz coro aos cétricos quanto à acurácia histórica da obra de Garcilaso de la Vega:

[...] os *Comentarios reales* devem tanto à ficção quanto à realidade, porque embelezam a história do Tahuantinsuyo [nome do império incaico em quéchua], abolindo nela, como faziam os amautas com a histórica incaica, tudo o que podia delatá-la como bárbara – os sacrifícios humanos, por exemplo, ou as crueldades inerentes a guerras e conquistas – e aureolando-a com uma condição pacífica e altruísta, que só têm as histórias oficiais, autojustificadoras e edificantes.

Essas limitações da obra de Garcilaso de la Vega, embora sejam graves desde uma perspectiva estritamente histórica, dão suporte à tese de que ele foi um falador, tal como aquele descrito por Vargas Llosa. O falador descrito em *El Hablador* exagerava ao relatar aos *machiguengas* os perigos impostos pelos espanhóis ou por outras tribos; quando estava sob efeito de plantas alucinógenas, a linguagem do falador se tornava ainda mais hiperbólica. Do mesmo modo, Inca Garcilaso de la Vega pode ter “carregado nas tintas” a fim de enfatizar o valor da cultura incaica, por ele tão prezada.

Mas o principal aspecto em comum entre Inca Garcilaso de la Vega e a personagem principal de *El Hablador* é que ambos servem como transmissores de suas culturas no espaço e no tempo: o falador de Vargas Llosa é um elo entre as dispersas tribos *machiguengas* e transmite à posteridade a cultura de tal povo; Inca Garcilaso de la Vega estendeu a cultura incaica para além de seu antigo império e legou à posteridade sua interpretação sobre o conhecimento incaico. Em ambos os casos, a cultura oralmente transmitida é a matéria-prima; a diferença crucial entre eles é que, enquanto Garcilaso de la Vega pode ser considerado um falador real, testemunha dos primeiros anos da conquista do Peru, o falador de Vargas Llosa é um personagem fictício, criado no Peru independente do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há, portanto, paralelos entre a vida e a obra de Inca Garcilaso de la Vega e a personagem criada por Vargas Llosa na década de 1980. Tanto *El Hablador* quanto *Comentarios reales de los Incas* revelam a complexidade das interações entre diferentes povos no Peru. Como exemplos, podemos mencionar que os *machiguengas* haviam sido perseguidos e explorados tanto pelos incas quanto pelos espanhóis, e que Inca Garcilaso de la Vega descreve tanto a expansão imperial incaica quanto a posterior dominação espanhola. No mesmo sentido, é importante enfatizar que, embora essas relações sociais sejam perpassadas por conflitos, há também situações de permeabilidade e acomodação: os *machiguengas* aceitavam o contato com pessoas estranhas à sua cultura – tendo chegado a aceitar a presença de jornalistas e missionários religiosos em seu meio – e Inca Garcilaso de la Vega foi um “fruto híbrido”, por assim dizer, do contato entre a elite espanhola e a elite incaica. Ademais, algumas descrições em *Comentarios reales de los Incas* transparecem a mescla entre a cultura espanhola e a cultura nativa, tal como o relato sobre os índios que, apesar de participarem da procissão de *Corpus Christi*, levavam a ela práticas e indumentárias remetentes às suas histórias e aos seus costumes.

O povo *machiguenga* descrito por Vargas Llosa em *El Hablador* não dispunha de escrita, dependendo da memória e da língua falada para a preservação de sua identidade. Os incas, até o século XVI, também haviam dependido da oralidade para a manutenção e transmissão da sua história e da sua cultura. Por isso, a obra de Garcilaso de la Vega, em conjunto com a produzida por cronistas espanhóis, foi fundamental para que hoje se possa compreender um pouco melhor a cultura incaica, uma vez que o escritor cusquenho codificou o conhecimento dessa civilização, revelando diversos aspectos da história do Peru e dos povos com os quais os incas interagiram.

Portanto, é possível considerar que Inca Garcilaso de la Vega foi também, tal qual a personagem de Vargas Llosa, um falador. Tanto o falador fictício de *El Hablador* quanto Inca Garcilaso de la Vega foram íntimos de determinada cultura oralmente transmitida e a difundiram no tempo e no espaço.

Com *El Hablador*, Vargas Llosa legou à posteridade um romance intrigante, que convida o leitor a refletir sobre a realidade peruana contemporânea, revelando a permanência de variedades culturais e tensões em seu país. O relato de Inca Garcilaso de la Vega, por sua vez, nos remete ao final do século XVI e ao início do século XVII – ao circular entre o mundo incaico e o do colonizador, e ser íntimo de ambas as culturas, ele legou à posteridade uma interpretação histórica original sobre a gênese do Peru.

ANOTHER STORYTELLER: INCA GARCILASO DE LA VEGA

Abstract: The article compares the main character in *El Hablador*, novel published by Mario Vargas Llosa in 1987, to the biography and main book of Inca Garcilaso de la Vega, writer born in the sixteenth century in the territory that later became Peru. The author puts forward the thesis that there are many similarities between Vargas Llosa’s character and Inca Garcilaso de la Vega, as both propagated through writing a native Peruvian culture that was formerly

only orally transmitted. The article concludes that both are iconic because they symbolize how complex are social relations in Peru and because both bequeathed literary representations of the genesis and endurance of Peruvian culture.

Keywords: Peru. Literature. Peruvian literature.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIO, P. Inca Garcilaso de la Vega (1519-1616). In: KAPLAN, G. B. (Ed.). *Dictionary of Literary Biography: sixteenth-century Spanish writers*. Farmington Hills: Thomson Gale, 2006. v. 318, p. 84-89.
- CAPOANO, E. Identidade e narrativa ensaística: ferramentas para análise de heróis faladores de Vargas Llosa. In: PIÑON, N.; DAMIANI, G. D. S. D.; MARRECO, M. I. (Org.). *As matrizes do fabulário ibero-americano*. São Paulo: Edusp, 2016. p. 277-290.
- DE LA VEGA, I. G. *Comentarios reales de los Incas*. Selección y prólogo de Augusto Cortina. Madrid: Espasa-Calpe, 1976.
- GEDDES, J. L. A fascination for stories: the call to community and conversion in Mario Vargas Llosa's *The Storyteller*. *Literature & Theology*, v. 10, n. 4, p. 370-377, Dec. 1996.
- LLOSA, M. V. *El Hablador*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1987.
- LLOSA, M. V. El Inca Garcilaso y la lengua general. 2009. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/conferencias_spinoza/vargas.htm>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- ORTEGA, F. A. Trauma and narrative in early modernity: Garcilaso's "Comentarios reales" (1609-1616). *MLN*, Baltimore, v. 118, n. 2, p. 393-426, Mar. 2003.
- STANDISH, P. Vargas Llosa's Parrot. *Hispanic Review*, Philadelphia, v. 59, n. 2, p. 143-151, Spring 1991.
- ZANELLI, C. Las fábulas de Garcilaso: ¿alegoría, historia o ficción en los comentarios reales? *Lexis*, Lima, v. 40, n. 2, p. 421-433, 2016.

Recebido em dezembro de 2016.

Aprovado em maio de 2018.